



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O USO DE JOGOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

**Letícia Santos da Silva Saraiva, acadêmica do IFC- Campus Camboriú,
leticiasssaraiva@gmail.com**

**Luis Filipe Russi, acadêmico do IFC- Campus Camboriú,
luis.russi0123@gmail.com**

**José Galotta Lucena- acadêmico do IFC- Campus Camboriú,
josegalottalucena@gmail.com**

**Ayessa Regina de Borba, acadêmica do IFC- Campus Camboriú,
ayessareginadeborba@gmail.com**

**Araceli Gonçalves; docente do IFC- Campus Camboriú,
araceli.goncalves@ifc.edu.br**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo relatar parte das experiências vivenciadas no período compreendido de agosto de 2018 a maio de 2019, por duas duplas de graduandos da licenciatura em matemática do IFC - Campus Camboriú, no programa Residência Pedagógica (RP) em duas instituições de ensino. A dupla de acadêmicos Luis Russi e José Lucena, atuou na E.E.B. Professor Artur Sichmann em uma turma de sétimo ano do ensino fundamental- anos finais e a dupla de acadêmicas Letícia Saraiva e Ayessa de Borba, atuou no Instituto Federal Catarinense IFC - Campus Camboriú em uma turma do segundo ano do ensino médio. Antes de relatarmos o que ocorreu neste período, é necessário conceituar o que é o programa Residência Pedagógica. Sob o ponto de vista acadêmico, a Residência Pedagógica é um programa da Fundação Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que, por meio da imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso, tem como objetivos as intervenções com metodologias, aperfeiçoar a formação dos discentes, estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores e propostas pedagógicas com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo a CAPES (2018, p.1), “O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política

¹ Trabalho submetido ao GD III: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Residência Pedagógica (RP) e outros programas: articulações entre o ensino, a pesquisa e a extensão.



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, [...]” O Programa de Residência Pedagógica desenvolvido com os Acadêmicos do IFC – Campus Camboriú, veio para aprimorar a nossa formação docente como um todo, articulando as Metodologias e Didáticas que foram aprendidas na Universidade com as experiências em sala de aula, ou seja, desenvolvendo a tão falada práxis. Todo o processo de ambientação, observação de cada aspecto da escola, permitiu-nos conhecer a realidade escolar, os desafios da docência e refletir sobre as novas formas de atuação no processo de ensino e aprendizagem. Estar presente em todas as aulas de uma turma, conhecer as particularidades de cada aluno, suas vidas, foi uma oportunidade única, pois não devemos estar preparados somente para as aulas e para burocracia escolar, mas sim para futuras relações sociais, relação professor-aluno. Mas, o ponto principal do programa foi a possibilidade de analisar os desafios e buscar soluções em conjunto com os professores envolvidos, além das participações em formações continuadas. Muito além do planejamento das aulas e atuação em sala, o professor tem toda uma responsabilidade com a instituição e com o aluno. Para melhor organização e entendimento do presente relato, dividimo-los em duas partes: na primeira expomos o relato da experiência da dupla Luis e José, na segunda, o relato da dupla Letícia e Ayessa. Como os alunos da turma do sétimo ano (73) possuem um perfil agitado, muito comunicativos e participativos, a metodologia de jogos foi pensada como uma alternativa para que os alunos conseguissem usar essa energia em uma situação que proporcionasse o ensino e aprendizagem, além de realizar uma aula diferente da tradicional. No entanto precisa-se ter um cuidado com o jogo escolhido pois, conforme PINTO (2009) mesmo o jogo sendo estimulante para os alunos, ele não pode perder o foco principal que é a aprendizagem. Com isso em mente, foi planejado um experimento didático envolvendo operações de subtração e de adição com o conjunto dos números inteiros, durante uma aula com duração de 56 minutos. Para tanto, a turma foi dividida em grupos de 4 alunos, foram distribuídos a cada grupo dois sacos, um contendo números a serem sorteados e no outro, cartelas compostas por duas cores, uma face azul e a outra vermelha. A azul representando os números inteiros negativos em associação a temperaturas muito baixas (neve e gelo), enquanto a vermelha representa os números positivos em associação a temperaturas elevadas (vulcão e lava). Para abranger todas as



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

peculiaridades das operações de adição e subtração no conjunto, as regras foram alteradas ao longo da atividade. 1ª regra: foram sorteados dois números, o primeiro representou a retirada de cartas vermelhas enquanto a segunda definiu a aquisição de cartas azuis. Cada cartela azul anula uma vermelha. Ganha quem tiver mais cartas azuis no final. 2ª regra: foram sorteados dois números, o primeiro representou a retirada de cartas vermelhas enquanto a segunda definiu a aquisição de cartas vermelhas também. Ganhou quem teve mais cartas vermelhas no final de 3 rodadas. 3ª regra: foram sorteados dois números, o primeiro fora a retirada de cartas azuis enquanto a segunda definiu a aquisição de cartas azuis também. Ganhou quem teve mais cartas azuis no final de 3 rodadas. Após todas as rodadas, foi registrado no quadro algumas das operações que foram realizadas pelos grupos, para que os educandos pudessem visualizar a proposta do jogo, durante a resolução destas operações, percebeu-se que a atividade trouxe resultados satisfatórios, pois os alunos compreenderam, por si só, que $-3 + (-3) = -6$ e quando possuíam parcelas com sinais diferentes, os residentes (José e Luis) precisaram retomar a ideia do jogo novamente, para que os alunos entendessem com mais facilidade o processo de subtração. Como segunda parte deste relato, temos os estudos e análises da turma AC18. Para introduzir o conteúdo de progressão geométrica de maneira intuitiva (para uma aula com duração de uma hora e meia), foi utilizada a Torre de Hanói. Foram entregues aos alunos 15 torres confeccionadas pela acadêmica Letícia e contado uma das mais famosas lendas da Torre de Hanói. Logo após, os mesmos foram desafiados a concluir a Torre, com base na lenda, seguindo as seguintes regras e objetivos: mover uma ficha de cada vez; não colocar as maiores sobre as menores; mover a torre da esquerda para a direita; realizar a transferência com o mínimo de movimentos possível. Nesse mesmo momento foi entregue também uma tabela com 8 colunas as quais as equipes de até quatro alunos sucederam os preenchimentos. Os alunos tiveram um período de tempo para tentar realizar o desafio proposto, bem como conjecturar uma regularidade entre as jogadas, além de construir (preencher) a tabela, para auxiliar a relacionar o número de peças com o número de movimentos necessários para o transporte correto. Depois de muitas tentativas, comunicamos que existe uma sequência lógica para obter o menor número de movimentos, com isso mostramos as sequências de uma a quatro peças, utilizando uma torre maior para todos verem. Depois dessas manipulações com o material, os alunos



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

conseguiram identificar o conceito de PG envolvido e associar a fórmula, que foi deduzida com eles a partir das informações da tabela. Assim, podemos dizer que os resultados do uso de diferentes metodologias podem surpreender, de modo positivo e negativo, pois dependem de diversos fatores. A partir do momento que, o professor opta em realizar uma aula com metodologias diferenciadas, precisa estar ciente e disposto a encontrar ambientes totalmente diferentes do que é dito como normal, ou seja, deve ser flexível ao comportamento dos estudantes, com a duração de suas aulas, com os seus critérios de avaliação e com as dificuldades que podem surgir. Em ambas experiências houve colaboração mútua entre os discentes, uma socialização, por mais que tivesse competitividade, no caso da metodologia dos jogos. Os alunos, em geral, foram participativos e elaboraram questionamentos, somente um grupo de sétimo ano não houve a participação efetiva na aula, ficaram desinteressados, devido a atividade ter sido muito fácil para eles. Com tudo, o professor precisa ser criativo e audacioso em suas aulas, de maneira consciente, pois a partir do momento que tratamos de pessoas, as quais pensam, fazem e entendem de diversas maneiras distintas, têm a necessidade de promover situações que englobem/alcancem a maior quantidade de indivíduos, sem esquecer a qualidade de ensino, então é preciso se utilizar de mais de uma metodologia, além da tradicional, concluindo que deve existir um equilíbrio entre o inovador e o tradicional.

Palavras-chave: residência pedagógica; uso de jogos nas aulas de matemática; planejamento.

Referências:

CAPES, Fundação. **Programa de Residência Pedagógica.** Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica#logo>>. Acessado em: 17/07/2019.

PINTO, Leandro Trindade. **O uso dos jogos didáticos no ensino de ciências no primeiro segmento do ensino fundamental da rede municipal pública de Duque De Caxias.** Disponível em: < http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/3039 >. Acessado em: 20/07/2019.